

O ENSINO DA CRÔNICA NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

TEACHING CHRONICLE IN THE 1ST YEAR OF HIGH SCHOOL

Mariana Nunes de Freitas Mendes¹ (IFTM)

Paula Márcia Lázaro da Silva² (IFTM)

Resumo: O gênero crônica extrapola os limites de uma narrativa simples, já que os textos pertencentes a tal gênero possuem especificidades literárias bastante particulares. Segundo Antonio Candido (1992), apesar de a crônica ser considerada um “gênero menor”, “ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia” e os cronistas em sua “despretensão” são capazes de humanizar e “recuperar uma certa profundidade de significado e um certo acabamento da forma”, que tornam-na uma “discreta candidata à perfeição”. O ensino desse gênero, tão bem retratado pelo mestre da Literatura, foi abordado em um projeto interdisciplinar, executado pelas professoras de Literatura e de Língua Portuguesa com alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (*Campus* Paracatu). Após aulas de exposição e de leituras de alguns textos literários, foi pedida aos alunos a escrita de uma crônica, de acordo com orientação prévia e discussão. Como resultados preliminares, constatou-se que, embora tenham criado boas e completas narrativas, as características e a simplicidade do gênero crônica não foram contempladas na maioria dos casos. Fato que suscitou-nos a análise de trabalhos dos alunos na tentativa de elencar possíveis razões para a dificuldade percebida em relação à escrita de crônicas.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Crônica.

Abstract: chronic genre goes beyond the limits of a simple narrative, since the texts belonging to this genre have very particular literary specificities. According to Antonio Candido (1992), although the chronicle is considered a "minor genre", "it adjusts to the sensitivity of the whole day", the chroniclers, in their "unpretentiousness", are capable of humanizing and consequently, they manage to "regain a certain depth of meaning and a certain finishing of form" that make it a "discreet candidate for perfection." The teaching of this genre, so well portrayed by the Master of Literature, was approached in an interdisciplinary project, executed by the Literature, Portuguese Language and Writing professors with students of the 1st year of Integrated High School of the Federal Institute of the Triângulo Mineiro (Paracatu Campus); After some classes of exposition and readings of some literary texts, the students were asked to write a chronicle, but with prior guidance and discussion. As preliminary results, it was found that, although they created good and complete narratives, the characteristics and simplicity of the chronic genre were not contemplated in most cases. This fact led us to analyze the students' work in an attempt to list possible reasons for the perceived difficulty in relation to chronic writing.

Keywords: Literature. Teaching. Chronic.

¹Professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), *campus* Paracatu e Doutoranda em Letras pela Universidade Federal Uberlândia (UFU). E-mail: mariananunes@iftm.edu.br.

² Professora do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM), *campus* Paracatu. Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: paulamarcials@yahoo.com.br

Introdução

A falta do hábito de leitura é uma das dificuldades enfrentadas em sala de aula, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa. A cada início de ano letivo deparamos com turmas heterogêneas, com defasagens em relação à leitura, compreensão e interpretação de textos. Diversos fatores são responsáveis por tais problemas, sejam eles pedagógicos, cognitivos, pessoais. Fatores estes que comprometem o percurso escolar dos alunos, principalmente quanto à produção de textos.

A prática da leitura em sala de aula em muitos casos não privilegia o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a compreensão e apreciação do texto, pois é realizada de modo superficial, comprometendo a fruição e o interesse do aluno por tal atividade. O ato de ler é interação, envolvimento de elementos que se relacionam com o texto, o leitor e o mundo.

A proposta de ensino, compreensão e produção de gêneros textuais contribui para a aquisição de hábitos de leitura e, no caso específico do gênero crônica literária, proporciona ao aluno o contato com diferentes textos, estimulando a reflexão sobre temas diversos, a observação de fatos cotidianos, além de ampliar o contato com a leitura em diversos ambientes, dentre eles, o ambiente virtual.

Para Bakhtin (2011), os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem e o emprego desta se dá através dos enunciados, que refletem condições e finalidades específicas de usos. Segundo o autor, todo texto é organizado de acordo com um gênero, sendo identificado de acordo com seus elementos: conteúdo temático, estilo da linguagem e estrutura composicional. Uma das condições de produção dos gêneros é o seu propósito comunicativo, cujos usos são sociais e determinam o gênero que dará forma ao texto.

Sendo assim, em práticas de leitura e produção de texto, é de suma importância o trabalho com os mais variados gêneros de modo a ampliar o universo comunicativo do aluno. A orientação acerca dos gêneros e sua utilização no dia a dia é de extrema importância, para que o aluno perceba o sentido da comunicação humana e das atividades sociais que o acompanham em suas relações com o mundo.

Marcuschi (2003, p.19) ressalta a caracterização dos gêneros como sendo “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos”. Deste modo, visto a crônica ser confundida com o conto e por circular por gêneros jornalísticos, importante se faz o trabalho em sala de aula com a delimitação do referido gênero, fornecendo informações sobre sua forma composicional, estilo e características. Assim, o aluno apresentará aportes necessários para identificar o gênero e suas características.

Antonio Candido (2003), no prefácio de “A vida ao rés-do-chão” ressalta que, mesmo que a crônica não seja considerada um gênero maior, não pode ser também julgada como menor. Para ele, esse gênero ajusta-se à sensibilidade do dia a dia, porque por meio de uma linguagem natural é capaz de humanizar. Por sua simplicidade, a crônica “está sempre ajudando a restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas”, já que fixa nos detalhes, nos “miúdos” da vida e mostra neles “uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada”.

Apesar de mostrar a efemeridade, característica advinda da origem jornalística da crônica, conforme Candido (2003), esses textos são capazes de “transformar a literatura em algo íntimo em relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meio espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela mesmo pensava”. Visto que, o caráter literário da crônica consolidou-se, sobrepujando o teor meramente jornalístico, já que a intenção de comentar e de informar foi transformada pela linguagem poética. Daí o fato de que a leitura de crônicas ensina a conviver com a palavra e, conseqüentemente, ressalta o contexto, “permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”.

Por isso, o ensino da crônica em sala de aula possibilita a aprendizagem de diversas estruturas linguísticas, como a articulação de tempos verbais e as formas de narração em primeira e terceira pessoa. Por serem narrativas curtas e abordarem temas do cotidiano, as crônicas trazem um texto bastante simples em relação à leitura e à escrita, familiarizando-se com as experiências dos alunos, o que facilita a identificação com o gênero. São textos que circulam em suportes que fazem parte da realidade dos alunos, tornando-se ainda mais acessíveis, conforme proposto pelos documentos oficiais de ensino de Língua Portuguesa – os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998).

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

Um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. [...] Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (PCN, 1998, p. 94-95).

Em suma, para que seja trabalhada a crônica de modo eficiente, de acordo com os PCN (1998), é necessário o estudo de variados textos pertencentes ao respectivo gênero ou pelo menos os que apresentassem algumas de suas características. Por isso, as professoras de Língua Portuguesa e de Literatura se uniram em uma atividade de análise de textos previamente selecionados e coerentes com a proposta do ensino do gênero crônica. Atividade realizada com os alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (*campus Paracatu*).

Métodos e Materiais

Antes de ensinar aos alunos sobre a crônica e suas especificidades, as professoras de Língua Portuguesa e de Literatura selecionaram textos que possibilitassem a introdução do assunto concomitante ao estudo de diversas estruturas literárias. Aproveitando o conteúdo programático do livro didático utilizado no 1º ano do Ensino Médio, a professora de Literatura expôs sobre os gêneros literários e suas características – épico, lírico e dramático, apresentando exemplos textuais de cada tipo e trabalhou em sala de aula com atividades de reflexão sobre o tema, a fim de aprofundar o conhecimento dos alunos.

Na etapa seguinte, as professoras levaram alguns textos para análise e discussão, os quais foram abordados nas aulas de Literatura e de Língua Portuguesa. O primeiro foi o poema *O bicho* de Manuel Bandeira:

O Bicho
Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

O bicho, meu Deus, era um homem. (BANDEIRA, 1993)

O poema foi analisado nas aulas de Literatura e a discussão privilegiou os aspectos sociais e a estratégia de escrita adotada por Manuel Bandeira. Ou seja, a forma como o autor apresenta o “bicho” é descritiva e clara do ponto de vista da interpretação; porém, o leitor surpreende-se no último verso do poema, ao descobrir que, na verdade, não se trata de um animal e sim de um ser humano, vivendo em condições desumanas. Desse modo, os alunos puderam ter contato com um texto em que há dois aspectos importantíssimos: a surpresa e a reflexão sobre a sociedade em que está inserido. Ambos os elementos são constitutivos da crônica, mas a análise do poema foi feita sem que a teoria do gênero e nem a palavra crônica fossem mencionados. Após análise sobre o contexto e o sentido do poema, os alunos fizeram o exercício de escrita, em que argumentaram em um parágrafo sobre o tema tratado.

Posteriormente, em outra aula, a professora de Literatura apresentou o texto *O lixo* de Luís Fernando Veríssimo¹. Para a leitura, considerando que esse texto é um drama (uma cena de uma peça teatral), dois alunos foram à frente na sala de aula e encenaram o diálogo entre os dois personagens, a fim de que a turma pudesse entender melhor o enredo e visualizassem a história narrada. Esta é constituída por dois vizinhos, que se encontram no prédio, onde moram, no momento em que ambos estavam tirando seus próprios lixos. Nessa oportunidade travam uma conversa a partir da qual demonstram conhecerem um ao outro com base nos detritos pessoais observados em cada lixo.

No decorrer da interpretação e da discussão acerca da cena narrada por Veríssimo, os alunos foram levados a entender que a história é inteiramente baseada em um fato simples, do cotidiano – tirar o lixo de dentro de casa e colocar na lixeira do prédio. A professora procurou demonstrar que muitos enredos surgem a partir de situações corriqueiras, as quais constituem a vida das pessoas, suscitam reflexões sobre a vida como também afloram fatos extraordinários.

Depois destas atividades, a professora de Língua Portuguesa retomou o texto *O lixo*, tecendo comentários a respeito do estilo de escrita do autor e, em seguida, solicitou aos alunos a construção de um parágrafo de desfecho para a respectiva história dos vizinhos. Complementando o estudo sobre o gênero crônica, em outra aula a professora realizou com os

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

alunos a leitura compartilhada de *A última crônica*ⁱⁱ, de Fernando Sabino, assim como a interpretação e análise dos temas suscitados ao longo do texto.

Em outro encontro com a professora de Literatura os alunos retomaram o texto de Fernando Sabino, ressaltando os elementos textuais característicos do gênero crônica, tais como: o fato simples e cotidiano, o ponto de partida do texto, os aspectos da narrativa, o tempo linear e, sobretudo, a reflexão crítica explícita ou implícita. Outro ponto bastante evidenciado pelos alunos foi a capacidade dos autores das crônicas analisadas imprimir no seu discurso um “olhar” diferente sobre a simplicidade retratada. Isto é, quem se arrisca nesse tipo de escrita tem como responsabilidade, na maioria das vezes, elucidar algo novo naquilo que é simples, uma perspectiva original, que ressalta detalhe(s) ainda não vistos. O que se espera da crônica, como base em sua essência, é que ela apresente uma realidade corriqueira sob um prisma sensível e fuja da superficialidade.

Com o propósito de que os alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (*campus* Paracatu) entendessem melhor a complexidade da essência da crônica, foi exibido um filme de curta metragem na aula de Literatura, o qual apresenta a adaptação da crônica *Colherzinhas* de Moacyr Scliar. Momento em que os alunos fizeram breve análise crítica sobre o contexto narrado no vídeo e responderam a um questionário, que os induziram a pensar sobre os elementos característicos da crônica e da narrativa.

Ao final de todas as leituras, interpretação de textos e discussões, foi proposto aos alunos uma atividade avaliativa de produção escrita de uma crônica baseada nas respostas de um questionário previamente corrigido e analisado pelas professoras de Língua Portuguesa e de Literatura.

Proposição da Atividade Avaliativa

A atividade avaliativa proposta aos alunos para o desfecho do trabalho desenvolvido com a crônica foi a produção de um texto desse gênero, o qual apresentasse todos os elementos narrativos, definidos e elaborados, além dos elementos constitutivos desse gênero. A realização pode ser feita em dupla ou individualmente com auxílio e orientação das

professoras durante a construção do texto para ser entregue para correção. O tema foi livre e sem restrições quanto ao assunto ou quanto ao limite de linhas.

Em primeiro lugar, os alunos reuniram-se para planejar o texto. Com base nas ideias iniciais sobre o que seria escrito, deveriam responder a um questionário a ser entregue à professora que os orientou, bem como a crônica produzida. As perguntas que compuseram o questionário foram:

- 1) Qual(is) o(s) fato(s) escolhido(s) para basear sua crônica?
- 2) Por que o(s) fato(s) escolhido(s) pode(m) compor a crônica?
- 3) O que há de inusitado/reflexão na sua crônica?

Uma semana antes da entrega da crônica elaborada, todos os alunos mostraram as respostas à professora, que pode fazer sugestões e apontamentos a fim de auxiliá-los no atendimento tanto da estrutura da narração quanto da contemplação dos elementos do gênero estudado.

Após esse momento de orientação, os alunos escreveram seus textos e submeteram-nos à avaliação. Dois exemplos serão demonstrados na parte de resultados deste trabalho, momento em que será apresentado um breve resumo da repercussão do ensino da crônica. Os critérios de correção limitaram-se, portanto, a dois eixos: estrutura narrativa e características básicas d gênero crônica.

Resultados

Os resultados relacionados ao entendimento, à compreensão e à capacidade de produção desenvolvida pelos alunos quanto ao gênero crônica serão demonstrados por meio de dois textos que, por suas características, podem representar a totalidade dos trabalhos recolhidos e avaliados. Tais produções exemplificam dois extremos, de um lado, encontramos uma narração bem desenvolvida, com todos os elementos necessários e todas as características da crônica; por outro lado, há um texto com uma estrutura narrativa mais simples, quiçá precária, e apenas um elemento constitutivo da crônica.

No primeiro texto para análiseⁱⁱⁱ, nota-se que o aluno iniciou sua narrativa com base em um fato cotidiano, assim como a maioria o fez; houve clara tentativa em ressaltar uma particularidade ou demonstrar uma visão diferente sobre o fato, ainda que o início tenha

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

sido voltado para a simplicidade. No entanto, tal visão mais reflexiva e característica da crônica não se concretizou, nem ao longo do texto, nem ao final. Além disso, a história, cujos elementos foram trabalhados em sala e cobrados nessa atividade, não se logrou bem elaborada, pois alguns fatos importantes para o entendimento da narração foram suprimidos, o que prejudicou constituição temporal da narrativa e, conseqüentemente, o enredo.

Na história, que se inicia com uma “caminhada matinal” em um “belo domingo”, o narrador personagem relata que sempre vê um “velhinho”, o qual vive acompanhado por seu cachorro, usa um “chapéu coco” e empurra um “carrinho de materiais recicláveis”. Após esse ponto de partida bastante corriqueiro, o aluno faz uma espécie de salto temporal marcado pela expressão adverbial temporal “um dia”, quando nota a ausência do “velhinho” e, posteriormente, deixa claro que ele não apareceu “nem em mais nenhum dia”. Em seguida, há uma digressão no tempo, citando a expressão “naquele mesmo dia”, ou seja, o dia em que sentiu falta do idoso, mesmo dia em que “um carro anuncia a morte do velhaco”. Com o clímax elaborado pela morte do idoso, o aluno poderia ter construído em seu texto uma reflexão crítica, mas não o fez.

Essa produção resume a maioria dos trabalhos feitos pelos alunos, os quais demonstraram dificuldades em elaborar narrativas baseadas em fatos simples e, sobretudo, não conseguiram elevar suas discussões para o lado reflexivo da análise do (ou de um) fato. Durante as orientações feitas por nós professoras, uma vez que lemos em sala de aula o projeto da crônica de todos os alunos, constatamos significativo embaraço em restringir a história, ou pelo menos o início dela, a um fato simples e do dia a dia. Embora alguns alunos conseguissem elaborar fatos com essas características, a maioria não o progredia em suas narrativas em função de tal simplicidade inicial. Daí a necessidade dessas orientações e de sugerirmos oralmente aos alunos meios de contemplar os aspectos da crônica e, ao mesmo tempo, de escrever narrações mais completas e adequadas.

O segundo texto selecionado para amostra^{iv} já demonstra uma maior familiaridade com as características do gênero crônica. Observamos que a narrativa se inicia de modo a contemplar os personagens, o espaço e o fato comum – um pai levando a filha para a escola e se deparando, todos os dias, com um mendigo. A partir desse fato, o autor do texto desencadeia uma sequência de acontecimentos, chegando ao clímax da narrativa, quando a criança, prestes a ser atropelada, é salva por alguém. Apesar da narrativa ser breve, sucinta, o

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

autor consegue engendrar os fatos em uma sequência de modo a tornar possível, por parte do leitor, uma reflexão, considerando que o mendigo, “sempre desprezado” pelo pai da garota e fato questionado por ela, fora o herói da narrativa, salvando-a do atropelamento. Essa reflexão, embora não mencionada pelo autor, está nitidamente perceptível no desfecho – “foi o mendigo que era sempre desprezado”.

Considerações Finais

Este relato teve por objetivo detalhar e refletir sobre o ensino de gêneros textuais em sala de aula, mais especificamente a experiência com a crônica trabalhada com alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do Instituto Federal do Triângulo Mineiro (*campus Paracatu*). A escolha desse gênero crônica justifica-se, sobretudo, pelos princípios propostos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

Sabemos que a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização e possam agir sobre (e com) eles, transformando-os, continuamente, nas suas ações, conforme as demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam. Assim, se considerarmos o papel da Língua Portuguesa é o de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação. Na escrita, para que os alunos consigam superar as suas dificuldades relativas à atividade de produção textual, o texto do aluno deve ser visto como um processo e não somente como produto. (PCN, 1998, p.27)

Os resultados apontaram para o que alguns textos críticos já previam: a dificuldade de compreensão da crônica. No entanto, esse gênero textual adequa-se perfeitamente aos critérios dos PCN (1998) e contribui grandemente para o desenvolvimento do aluno e da escrita dele em vários sentidos. O primeiro elemento da crônica e um dos mais difíceis de ser exercitado, é a percepção e a escrita de um fato simples e cotidiano, o que coaduna com o previsto no texto exemplificado acima, pois os alunos precisam agir sobre os conhecimentos adquiridos por eles a partir de “demandas trazidas pelos espaços sociais em que atuam”. Logo, constata-se que a reflexão sobre o dia a dia é essencial, para que o estudante consiga compreender e transformar suas ações.

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

Ainda segundo os PCN, “a escola tem a função de promover condições para que os alunos reflitam sobre os conhecimentos construídos ao longo de seu processo de socialização”. Daí a necessidade de ler e praticar a escrita de crônica, já que nesse gênero textual o aluno é convidado a elaborar ao menos um pensamento crítico a partir de um fato social. Deste modo, intenta-se que o estudante seja capaz de observar de modo mais acurado a realidade que o cerca, a fim de atentar-se para o simples e, ao mesmo tempo, para o peculiar, abordando temas de forma a ressaltar particularidades ou apenas uma visão diferente, mais sensível.

O exercício de leitura e de escrita é papel da Língua Portuguesa, que “possibilita o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação”. Por isso, o trabalho desenvolvido em sala de aula com a leitura e análise de textos diversificados foi importante, o qual somado à atividade de escrita, contempla o objetivo dessa disciplina, de acordo com os PCN (1998). A escrita desempenha função preponderante já que por meio dela os alunos conseguem “superar as suas dificuldades relativas à atividade de produção textual”. Todavia, é fundamental esclarecer que essa é e deve ser uma atividade contínua em sala de aula, pois é um “processo” e não deve jamais ser vista como um “produto”.

Ainda que os resultados apresentados neste relato tenham se baseado apenas em duas produções textuais, destaca-se que o trabalho desenvolvido não se encerra nessa atividade avaliativa, uma vez que os alunos são sempre motivados a escrever, dando continuidade a esse processo tão importante na formação dos jovens.

REFERÊNCIAS

- ARRIGUCCI, Davi. **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BANDEIRA, Manuel. Estrela da vida inteira. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CANDIDO, Antônio. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003, p. 89-99.
- CASTELLO, José. Crônica, um gênero brasileiro. Suplemento Literário **Rascunho**. Curitiba, setembro 2007.

MENDES, Mariana Nunes de Freitas; SILVA, Paula Márcia Lázaro da. *O Ensino da Crônica no 1º ano do Ensino Médio*.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P; BEZERRA, M. A.; MACHADO, A. R. (Orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1998.

SABINO, Fernando. **A Companheira de Viagem**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965, p. 174.

SCLIAR, Moacyr. Colherzinhas. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=HroQuVq-toA>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **O lixo**. Disponível em <http://literal.terra.com.br/verissimo/porelemesmo/porelemesmo_lixo.shtml?porelemesmo>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Recebido em 30/09/2017

Aprovado em 01/02/2018

ⁱO Lixo

Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. É a primeira vez que se falam.

- Bom dia...
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612.
- É.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois é...
- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmm. Notei também que o senhor usa muito comida em lata.
- É que eu tenho que fazer minha própria comida. E como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chame de você.
- Você também perdoe a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- É que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas, como moro sozinha, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho, mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Vejo uns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois é...
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- É.
- Más notícias?
- Meu pai. Morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no Sul. Há tempos não nos víamos.
- Foi por isso que você recomeçou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu, graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei. Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranqüilizantes. Foi uma fase. Já passou.

-
- Você brigou com o namorado, certo?
 - Isso você também descobriu no lixo?
 - Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
 - É, chorei bastante, mas já passou.
 - Mas hoje ainda tem uns lencinhos...
 - É que eu estou com um pouco de coriza.
 - Ah.
 - Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
 - É. Sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
 - Namorada?
 - Não.
 - Mas há uns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
 - Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
 - Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
 - Você já está analisando o meu lixo!
 - Não posso negar que o seu lixo me interessou.
 - Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
 - Não! Você viu meus poemas?
 - Vi e gostei muito.
 - Mas são muito ruins!
 - Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Eles só estavam dobrados.
 - Se eu soubesse que você ia ler...
 - Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei: o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
 - Acho que não. Lixo é domínio público.
 - Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com a sobra dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
 - Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
 - Ontem, no seu lixo...
 - O quê?
 - Me enganei, ou eram cascas de camarão?
 - Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
 - Eu adoro camarão.
 - Descasquei, mas ainda não comi. Quem sabe a gente pode...
 - Jantar juntos?
 - É.
 - Não quero dar trabalho.
 - Trabalho nenhum.
 - Vai sujar a sua cozinha?
 - Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.- No seu lixo ou no meu?»
- In: http://portalliteral.terra.com.br/verissimo/porelemesmo/porelemesmo_lixo.shtml?porelemesmo

ii

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever.

A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de

esquina, quer nas palavras de uma criança ou num acidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: "assim eu queria o meu último poema". Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

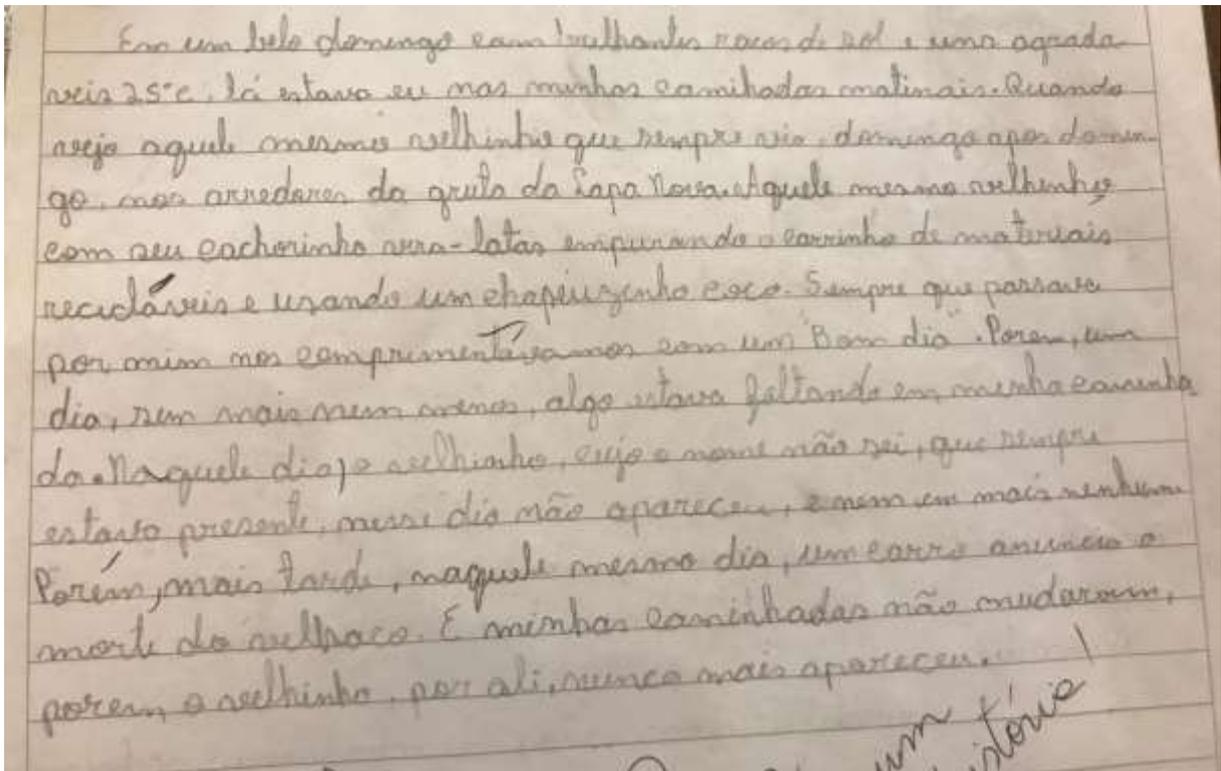
Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho -- um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de Coca-Cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a Coca-Cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: "Parabéns pra você, parabéns pra você..." Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. Dá comigo de súbito, a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso."

iii



Era um belo domingo com brilhantes raios de sol e uma agradável
 temperatura de 25°C. Lá estava eu nas minhas caminhadas matinais. Quando
 vejo aquele mesmo velhinho que sempre via, domingo após domín-
 go, nos arredores da gruta da Lagoa. Aquela mesma velhinho
 com seu cachorrinho verde-lata empurrando o carrinho de materiais
 recicláveis e usando um chapéuzinho verde. Sempre que passava
 por mim me cumprimentava com um "Bom dia". Porém, um
 dia, um mês mais adiante, algo estava faltando em minha caminhada.
 Naquele dia o velhinho, cujo nome não sei, que sempre
 estava presente, nesse dia não apareceu, e nem um mês depois.
 Porém, mais tarde, naquele mesmo dia, um carro anunciou a
 morte do velhinho. E minhas caminhadas não mudaram,
 porém, o velhinho, por ali, nunca mais apareceu.

um f' /
intone!

iv

Sumário - normas
 data: 18/04/17

Um pai passava todos os dias com a filha em uma rua, para levá-la à escola, onde sempre tinha um mendigo. O pai, que era um homem alquebrado e ignorante sempre que podia, ele desparzava o pobre morador de rua. A filha que sempre passava ficando aquela como ficava sempre com a atitude do pai.

Um, um certo dia, a filha se encanava com um cachorro de rua, saltou a mão do pai e começou a correr atrás do animal que atravessava na frente de um carro em movimento. Um dos carros atingiu a criança, ela se parou para o lado por um homem inesperado, o pai não conseguiu de encontro com a filha depois de um longo alarço, ele se atira para agradecê-lo às suas se, sua reação é de espanto, pois quem salvou a sua filha amada foi o mendigo que era sempre desprezado.

1) Qual(is) fato(s) escolhido(s) para basear sua crônica?